

Série Saúde em Imagens, 02

HABITAR INVISÍVEL

DIOGO VAZ

editora



redeunida

Série Saúde em Imagens, 02

HABITAR INVISÍVEL

DIOGO VAZ

1º Edição

Porto Alegre, 2018

Rede Unida

Coordenador Nacional da Rede UNIDA

Júlio César Schweickardt

Coordenação Editorial

Editor-Chefe: Alcindo Antônio Ferla

Editores Associados: Ricardo Burg Ceccim, Cristian Fabiano Guimarães,
Márcia Fernanda Mello Mendes

Conselho Editorial

Adriane Pires Batiston – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
Alcindo Antônio Ferla – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Àngel Martínez-Hernández – Universitat Rovira i Virgili, Espanha
Angelo Stefanini – Università di Bologna, Itália
Ardigó Martino – Università di Bologna, Itália
Berta Paz Lorigo – Universitat de les Illes Balears, Espanha
Celia Beatriz Iriart – University of New Mexico, Estados Unidos da América
Denise Bueno – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Dora Lúcia Leidens Corrêa de Oliveira – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Emerson Elias Merhy – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Francisca Valda Silva de Oliveira – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
Izabella Barison Matos – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil
Hêider Aurélio Pinto – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil
João Henrique Lara do Amaral – Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Júlio César Schweickardt – Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil
Laura Camargo Macruz Feuerwerker – Universidade de São Paulo, Brasil

Laura Serrant-Green – University of Wolverhampton, Inglaterra

Leonardo Federico – Universidad Nacional de Lanús, Argentina

Lisiane Böer Possa – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Liliana Santos – Universidade Federal da Bahia, Brasil

Luciano Bezerra Gomes – Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Mara Lisiane dos Santos – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Márcia Regina Cardoso Torres – Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil

Marco Akerman – Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Luiza Jaeger – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil

Maria Rocineide Ferreira da Silva – Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira – Universidade Federal do Pará, Brasil

Renan Albuquerque Rodrigues – Universidade Federal do Amazonas/Parintins, Brasil

Ricardo Burg Ceccim – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Rodrigo Tobias de Sousa Lima – Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil

Rossana Staeve Baduy – Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Simone Edi Chaves – Ideia e Método, Brasil

Sueli Terezinha Goi Barríos – Ministério da Saúde, Brasil

Túlio Batista Franco – Universidade Federal Fluminense, Brasil

Vanderléia Laodete Pulga – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

Vera Lucia Kodjaoglanian – Fundação Oswaldo Cruz/Pantanal, Brasil

Vera Maria Rocha – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil

Comissão Executiva Editorial

Gabriel Calazans Baptista

Letícia Stanczyk

Projeto Gráfico, Capa e Miolo

Editora Rede UNIDA

Diagramação

Diogo Vaz da Silva Junior

Arte da Capa

Diogo Vaz da Silva Junior

Revisão

Márcio Mariath Belloc

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO-CIP

V393h Vaz, Diogo

Habitar Invisível [recurso eletrônico] / Diogo Vaz. - 1.ed. - Porto Alegre: Rede UNIDA, 2018.
p. 79: il - (Série Saúde em Imagens, v.2)

E-Book

ISBN: 978-85-54329-02-0

DOI: 10.18310/9788554329020

CDU: 362.5:77.02

NLM: WA300

1. Pessoas em Situação de Rua. 2. Invisibilidade. 3. Cotidiano. 4. Espaço Público. 5. Narrativa Fotográfica.
II. Título. III. Série.

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

Copyright © 2018 Diogo Vaz da Silva Junior e Márcio Belloc

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br

SUMÁRIO

HÁBITAR INVISÍVEL: poema visual como uma abordagem em saúde coletiva da invisibilidade (Márcio Mariath Belloc)	7
INTRODUÇÃO	9
O URBANO QUE HABITA	11
HÁ QUEM VIVE NA RUA	25
PRESENÇA-AUSÊNCIA NO COTIDIANO	43
CORPOS, CUIDADO E RUA	61
ARQUEOLOGIAS DO USO	71

HABITAR INVISÍVEL

Poema visual como uma abordagem em saúde coletiva da invisibilidade

Ele ocorre vazio, o tal tempo ao vivo;
e, como além de vazio, transparente,
habitar o invisível dá em habitar-se:
a ermida corpo, no deserto ou alpendre.

João Cabral de Melo Neto

Como plasmar em imagens uma forma invisível de habitar? E simplificando ainda mais a pergunta, como fotografar a invisibilidade? “Habitar invisível” traz de antemão um convite a compartilhar de um conflito, tanto do ponto revista lógico formal quanto da discussão social e política. Gravar simplesmente a imagem de algo que estava oculto não resolve a questão. É preciso já de entrada ressaltar que não se trata de um ensaio fotográfico jornalístico sobre essa forma de construir o morar, de colocar-se dessa maneira na experiência urbana, pois a imagem ilustrativa estaria longe de presentificar a invisibilidade propriamente dita; como máximo representaria a dor, a dureza e a vulnerabilidade, que mais do que produzir uma proximidade cúmplice, está muitas vezes de mãos dadas com a piedade e a distância da produção dessa situação. Mas se não se trata de tornar visível, qual o sentido dessa obra?

Os versos de João Cabral de Melo Neto nos ajudam a iniciar uma resposta, uma discussão, uma idéia: o sentido é habitar-se. Discutir a produção da invisibilidade das pessoas e suas formas de habitar o urbano contemporâneo implica, necessariamente, em se colocar também em questão. Habitar-se para descobrir a invisibilidade do outro contida na própria possibilidade sócio política de presença na experiência urbana contemporânea. Constituir outro olhar, distinto da distância piedosa da ilustração

da dor. Constituir assim uma composição de imagens, como versos de um poema visual, prenes de cumplicidade, erigidos na proximidade da produção de vida e cuidado na rua.

Proximidade esta que nos remete à obra de Evgen Bavčar, na qual é elevada a uma outra qualidade do olhar. Este filósofo e artista plástico esloveno, cego desde os doze anos de idade, discute a produção da imagem a partir do que ele define como olhar aproximado. Distinto do olhar físico que necessita da distância para se constituir, essa outra forma de olhar é o da confiança, da cumplicidade, da proximidade, que só se dá no acontecimento, no encontro. O bellissimo trabalho fotográfico de Bavčar se produz no encontro e propõe uma discussão sobre o mesmo. Constituídas a partir de sua memória imagética infantil, de suas leituras atuais, das palavras de seus cúmplices criativos e seu profundo conhecimento e habilidade técnica fotográfica, ele chama suas imagens – o resultado final no papel emulsionado com sais de prata ou mesmo da gravação digital – de escrituras feitas com luz.

Assim como as escrituras feitas com luz de Bavčar, o poema visual de Diogo Vaz, é formado, justamente, de imagens frutos do encontro. Um poema constituído por habitar-se nessa invisibilidade mesma da exclusão cidadina. E mais do que uma aproximação narrativa a essa forma de habitar, a composição apresentada propõe um debate sobre a produção dessa invisibilidade, sobre as formas possíveis de construção de aproximação, cuidado e produção de vida. Como uma forma potente e inventiva de produção em saúde coletiva, “Habitar Invisível” não dá receitas, muito menos prescrições de abordagens ao tema. Sua poiética dispara a necessidade de aproximar-se da experiência do outro, de suas formas de viver e habitar o urbano, da produção social e política dessa invisibilidade. Poema visual como uma abordagem em saúde coletiva da invisibilidade Habitar-se invisível para reinventar o cuidado.

Márcio Mariath Belloc

INTRODUÇÃO

O presente ensaio fotográfico foi produzido como parte do Trabalho de Conclusão da Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Coletiva (EducaSaúde/UFRGS), em Março de 2017. Com ele, se propõe a reflexão tanto sobre a invisibilidade e a produção de vulnerabilidade às pessoas em situação de rua, quanto às possibilidades de produção de vida e de cuidado na experiência urbana.

As fotografias foram registradas ao longo dos deslocamentos até os campos da residência – feitos por meio do transporte público (ônibus e trem) ou a pé – e nas caminhadas acompanhando os profissionais de saúde durante as itinerâncias nos territórios atendidos. O objetivo é propor uma narrativa visual que busca provocar o olhar reflexivo à experiência urbana, sobre a diversidade de maneiras de habitar, de se relacionar com a cidade, na perspectiva de que quem habita e vive na rua se relaciona com o meio urbano de forma diferente de quem apenas transita por ele.

Como forma de organização, o ensaio é composto de cinco eixos fotográficos, cada um acompanhado de um texto introdutório. São eles: 1) O urbano que habita; 2) Há quem vive na rua; 3) Presença-ausência no cotidiano; 4) Corpos, cuidado e rua; e 5) Arqueologias do uso.

Espera-se que as fotografias convoquem a um olhar atento. A rua, para além de representar um espaço externo de quem habita uma casa, é um espaço onde se produzem relações de existência e sobrevivência. Cada sujeito produz e é produzido pela sua forma de ser-urbano.

Diogo Vaz

O URBANO QUE HABITA

Relacionar-se com o urbano é via de mão dupla: há interesses e processos que o constituem como espaço, ao passo que nos constroem como sujeitos e influenciam nossas relações de habitar. As características que compõem as paisagens e as cenas urbanas são elementos que também determinam o modo de nos relacionarmos em comunidade. Os valores políticos, econômicos e sociais financiam o *progresso* e a maneira como se constroem as cidades, estabelecem os ritmos, as dinâmicas e os (não) valores das vidas que habitam o urbano e são por ela habitadas.

A intenção das imagens é compor a atmosfera na qual me coloco como sujeito sensível-suscetível a relações, a trocas. Tal composição constrói a ideia de uma cidade que habita diversas formas de viver. Essa ou aquela maneira de viver e de ocupar também constroem a cidade. Não se pretende, com os retratos, buscar o reconhecimento das características que identificam uma determinada cidade ou local.

Viver em na cidade – compor o urbano – envolve a possibilidade-capacidade de transitá-la. O trilho de trem, somado às vias de intenso fluxo (que priorizam a passagem de meios de transporte motorizados), na procura por acelerar a mobilidade, cortam, dividem e distanciam os percursos de quem se expõe ao cotidiano urbano. Para cruzá-los, o acesso se dá através das curvas dos viadutos e das passarelas. Estas curvas, ao mesmo tempo em que viabilizam a conexão de dois lados, também oferecem abrigo ao produzir espaços públicos ociosos e protegidos.

Quem regula a necessidade de uma vida acelerada é o *sujeito-sistema*, que financia o controle e estabelece o ritmo dos corpos. Envolvidos no tráfego frenético, aflito, às vezes imóvel, nos desconsideramos, nos desidentificamos, nos invisibilizamos. O *progresso* que planifica o urbano sucumbe a interação-empatia, distancia, marca a diferença, vigia. A conexão criada é via tramas de cabos, fios, trilhos. Os seres-urbanos, tão próximos, transitam distantes, alheios.

É nos espaços de interação da cidade que o sujeito urbano pode tramar algumas escolhas de viver, habitar, estar e permanecer. No borbulhar das tramas e cenas urbanas esses sujeitos buscam um espaço que proporcione uma separação entre interno-externo, um lugar que promova abrigo. As situações e configurações sociais irão possibilitar ou dificultar a ocupação do espaço; em consequência, determinam quem pode ou não habitar, quem pode ou não permanecer, quem pode ou não estar em cada espaço urbano.



O URBANO QUE HABITA







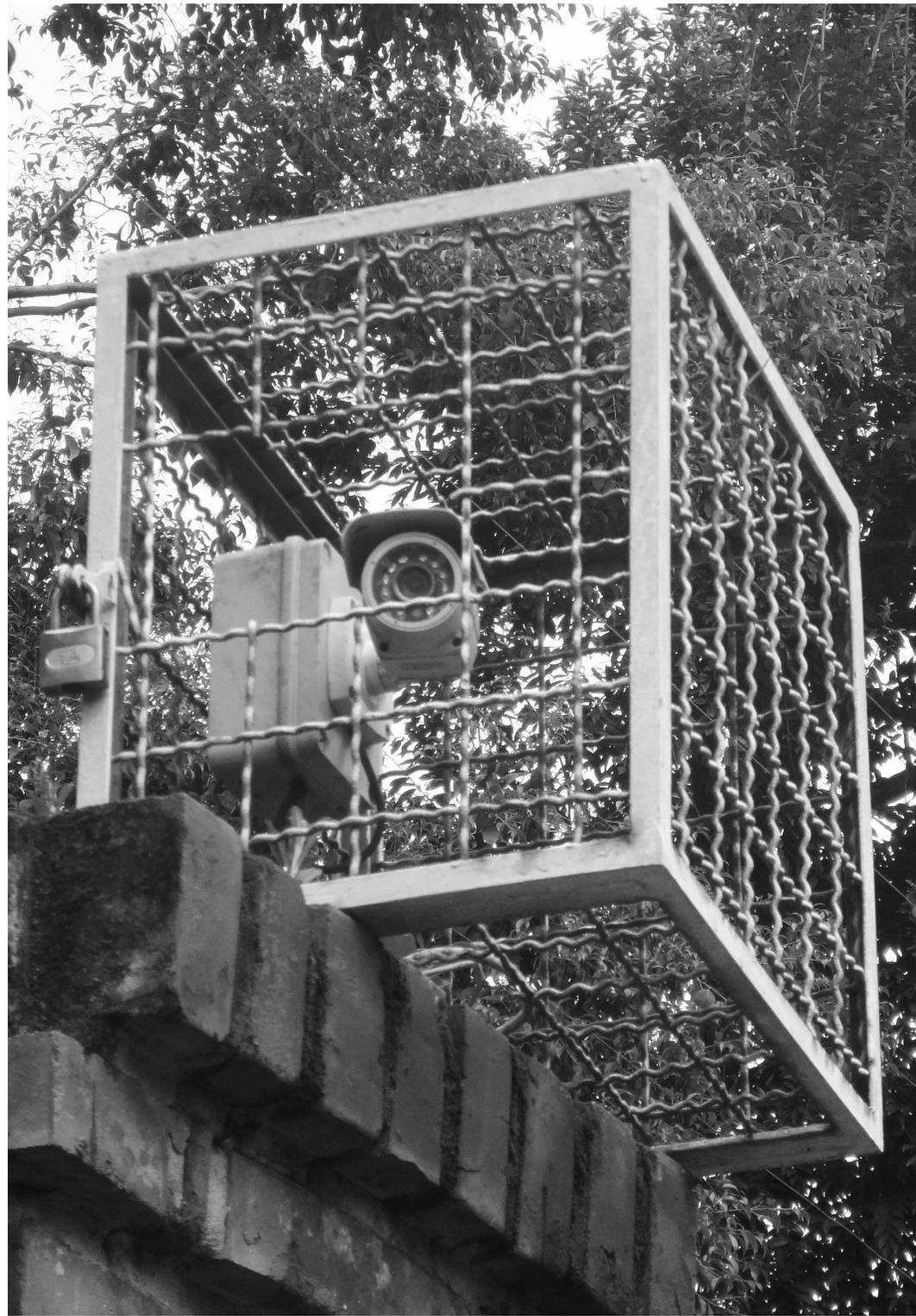
















HÁ QUEM VIVE NA RUA

Morar remonta uma construção que perpassa lembranças vividas desde a infância. Quando pensamos a distância de algum lugar específico da cidade, logo tomamos como ponto de partida o local onde moramos, para só assim atribuímos um valor de tempo e espaço para o traslado. A relação com o habitar está intrinsecamente ligada a um sentimento familiar e cultural onde se busca a proteção e o aconchego de uma casa – um espaço privado, separado do fora, da rua, do outro.

É habitual, ao nos deslocarmos pela cidade, encontrarmos pessoas fazendo uso da rua (e do que ela produz-oferece) para sustento e moradia. Trazendo um sentimento crescente que me atravessa nesses mais de 5 anos vividos em Porto Alegre – considerando a região metropolitana – tenho a sensação de que cada vez mais cruzo e reconheço pessoas vivendo na rua. Se considerarmos esse movimento como um indicador socioeconômico, pode se dizer que a rua atua como um exílio. A rua é o lugar do que não tem lugar. A rua pode revelar a nossa organização social.

Nesse sentido, as primeiras fotografias deste capítulo propõem que se faça um deslocamento da referência e do formato habitual de uma *casa-abrigo*. A pessoa que constrói suas relações e luta pelo sustento através do que a rua oferece, se relaciona com o meio urbano de maneira diferente de quem só caminha e transita por ele. Não é incomum a concepção de que a rua é lugar da falta, de que quem vive na rua carece de vínculos familiares, de emprego, de um lar.

Se nos deslocarmos da proteção privilegiada que ocupamos dentro do sistema urbano, talvez consigamos ser afetados pelo mosaico de atravessamentos que envolve o cotidiano de quem vive na rua. Falo de um cotidiano que não é um, em número. Não há uma maneira de se viver na rua, o urbano transforma-se conforme o sujeito se relaciona com ele. Constrói-se, por consequência, um território onde cada sujeito que vive na rua irá produzir de forma singular sua rede de convivências. É nesse sentido que o espaço habitado transcende a ideia de ocupar um espaço geográfico, habitar pressupõe criar sentidos, estabelecer relações.

Alguns elementos irão influenciar os modos de se viver e estar na rua: a maneira como busca renda, a segurança-proteção dos locais que opta permanecer-dormir, a preferência por estar em grupo ou viver desacompanhado, as rotinas mais itinerantes ou em locais mais fixos, o acesso a serviços de abordagem e acolhimento, a rede comunitária que auxilia na proteção e no sustento, a escolha por bairros mais centrais ou marginais, a dinâmica dos locais onde há violência urbana provocada tanto pela segurança pública e privada, ou por civis.

Colchões, travesseiros, cobertores, roupas, sapatos, chinelos, redes de descanso, lonas, barracas, papelões, jornais, carrinhos, materiais recicláveis, sacos de lixos: são objetos-pertences que compõem as cenas urbanas dos que habitam nas ruas. Praças e entornos de viadutos e passarelas são curiosamente transformados na presença dessa população. A transformação ultrapassa o sentido físico-visual, transcendendo o valor funcional destas estruturas.

Tipicamente, as passarelas e viadutos são utilizadas como pontes que ligam dois pontos sem comunicação; representam locais de atravessar, transitar, percorrer, cruzar, conectar. A estrutura de concreto necessária para a construção destes dispositivos urbanos acaba por produzir espaços públicos ociosos, suficientemente seguros e acolhedores para constituírem-se como abrigos, suportar a construção de fogões a lenha, salas de estar e varais de roupas.

Ainda, como consequência da produção exagerada de produtos de consumo, financiada pelo sistema econômico capitalista, gera-se um excedente que garante o sustento (mínimo, precário) de quem não tem lugar no próprio sistema. Dessa forma, a vida na rua acaba por fazer parte de um mundo que se constrói juntamente do meu, do nosso mundo.



HÁ QUEM VIVE NA RUA



























PRESENÇA-AUSÊNCIA NO COTIDIANO

O cotidiano de quem vive na rua é produzido na relação com o urbano. Ao conviver com essa realidade é possível compreender as tramas que envolvem a busca por um sustento a partir do que a rua oferece, traduzindo-se em vivências construídas em um território de relações. Pensando assim, viver na rua é estar presente nas cenas urbanas e na ocupação-modificação do espaço público, produzindo redes que se constroem, para alguns, na catação da sobrevivência-sustento.

A complexidade de viver na rua envolve estar na margem da presença-ausência social, o ser ou não-ser visto, não considerado. A invisibilidade se torna palpável no estigma e preconceito que acompanha um morador de rua. Há um senso comum que aponta o dedo ao relacioná-los com o uso de drogas, ao tê-los como sujeitos, violentos, loucos ou ladrões, proibindo-os de se aproximarem de determinados locais da cidade onde circulam pessoas de classes sociais mais privilegiadas, impedindo-os, inclusive, do acesso a serviços públicos.

A invisibilidade se materializa no medo de quem desvia, atravessando a rua, na recusa por um aperto de mão, ao evitar o olhar no olho, no não reconhecimento de um pedido por moedas ou de um prato de comida. O não-ser visto se torna mais gritante quando transversaliza o desenvolvimento de políticas públicas, quando forma o (in)consciente de quem trabalha nos serviços públicos. Essa produção de violência estrutural inicia pelo não reconhecimento das especificidades de uma população que por vezes não possui documento de identificação, passa pela criação de obstáculos na qualificação profissional e chega a resistência de acesso à educação, saúde e habitação.

Na sua presença-ausência, quem vive na rua esboça seus vínculos afetivos constituídos para além da relação humano-humano. Frequentemente se compartilha espaço, convívio e sustento com animais (cães, em sua maioria) que, além de tornarem-se companheiros na proteção, ressignificam a existência e a resistência. Nos espaços onde se reúnem grupos, os cães recebem uma atenção compartilhada que mobiliza toda uma rede de cuidado comunitário. O cuidado dado retorna no convívio sincero, sem preconceito e prazo de validade.

Em bairros mais distantes do centro ou em cidade menores, a rua carrega consigo um sentido lúdico, recreativo, brincante. É rotina que a brincadeira aconteça nesse espaço aberto, livre de muros e limites. Conforme retornamos à rua-ambiente urbano como espaço da passagem, do trânsito, da velocidade, a ludicidade dá lugar ao medo, à perda, à falta. Os brinquedos abandonados provocam a reflexão sobre a presença-ausência da infância e juventude privadas do uso lúdico da rua, ou ainda, para alguns, fadada a sobreviver na rua.

A presença-ausência no cotidiano da pessoa que vive na rua está no limite da sociedade, um limite tênue do não-ser que a maioria que transita não olha, passa por cima e deixa jogado. No egoísmo de “um problema que não é meu”, existe a iminência de uma pessoa em risco de não-ser, omitida nas relações humanas consumíveis. Essa rua que não é brinquedo traz consigo o vício de estar, permanecer e não-ser.



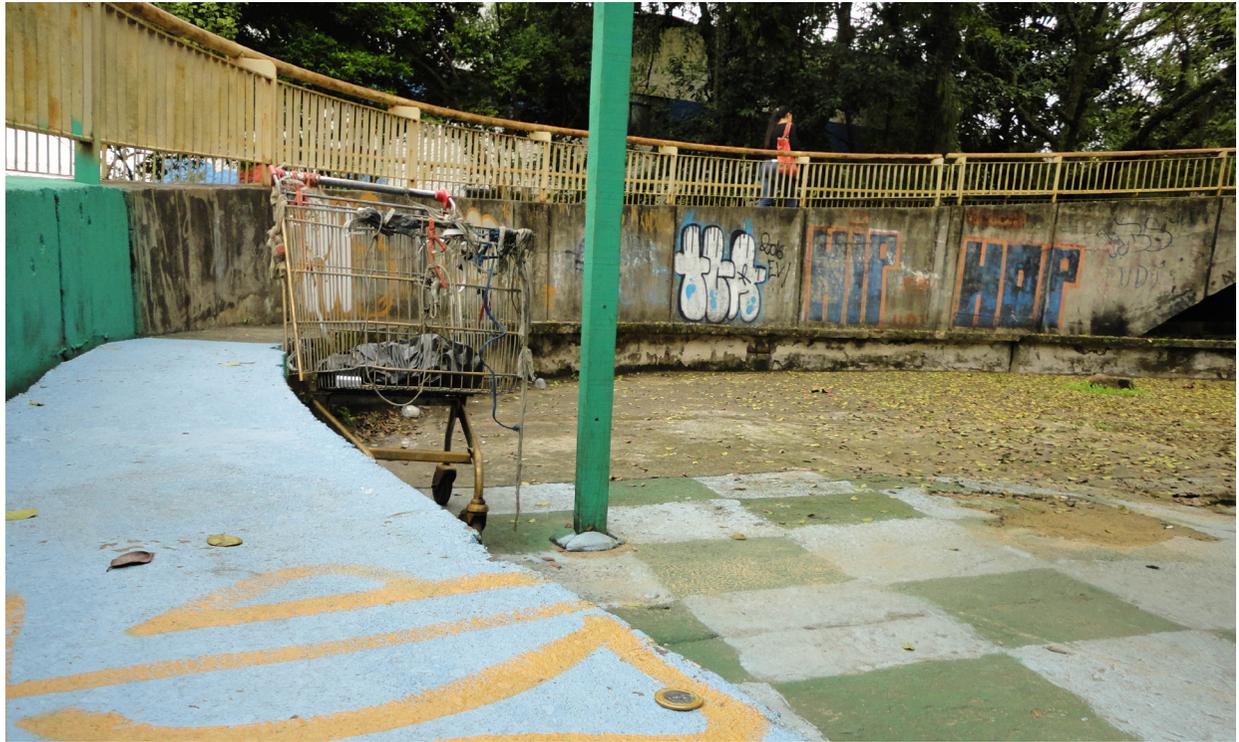
PRESENÇA-AUSÊNCIA NO COTIDIANO

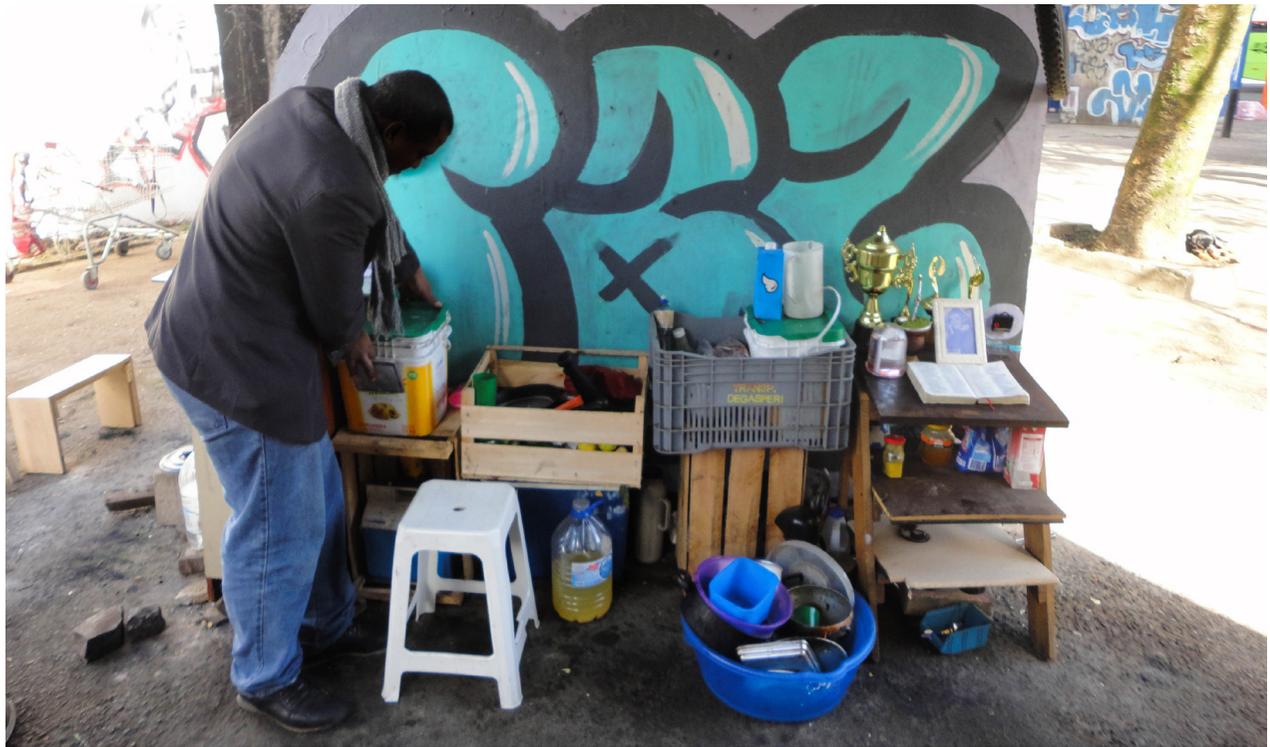




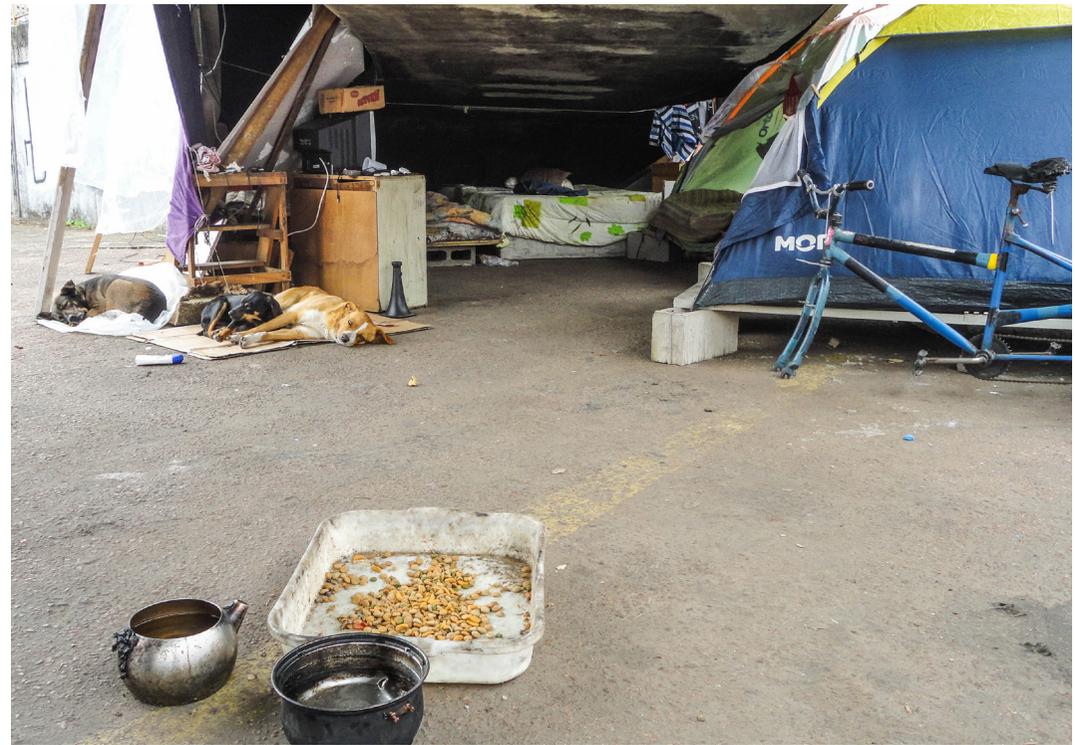






















CORPOS, CUIDADO E RUA

Para além da dicotomia saúde-doença, a busca por produzir relações de cuidado envolve a criação de laços afetivos, de vínculos. Reconhecer as singularidades de quem vive na rua é essencial, principalmente quando se pensa em promoção de saúde. Convencionalmente, a instituição saúde está associada a uma estrutura física, uma edificação-imóvel que comporta equipes de trabalhadores detentoras do conhecimento e da técnica funcional de equipamentos e medicamentos. Em relação a esses locais é comum escutar relatos de pessoas que não tiveram acesso e nem foram recebidas por estarem mal vestidas, sujas, mal cheirosas ou por terem feito uso de alguma droga.

A proposta de sair destas estruturas-armaduras e entrar em contato com o fora, corpo a corpo, é um ato político, é desvestir a proteção da unidade de saúde e se colocar ao lado das pessoas. Estar junto da pessoa compreende uma prática-princípio, um entendimento que perpassa a escuta, a alteridade, a capacidade de reconhecer a vivência e as escolhas de quem está sendo acolhido.

Essa prática envolve, justamente, viabilizar espaços de diálogo no cotidiano, nos espaços comuns a quem se constitui na relação com o urbano. O morador da rua, na iminência do não-ser, está implicado na possibilidade do vício, da exposição da dependência manifestada pela ausência. Estar ao lado significa permanecer suscetível à produção de afeto, é romper com o estigma, com preconceitos. Compreende suportar o cheiro, contaminar-se com a pessoa sujeita ao não-ser.

Deslocar-se do lugar de transeunte, que atravessa, que percorre as ruas; abandonar o automóvel que separa-protége do ambiente, que cruza, que atropela; baixar o dedo, tornar a olhar, reconhecer o outro. O movimento de ir ao encontro do que está fora possibilita expandir a compreensão em relação à rua e à liberdade-autonomia por ela proporcionada, transcendendo a visão presa na desconfiança.

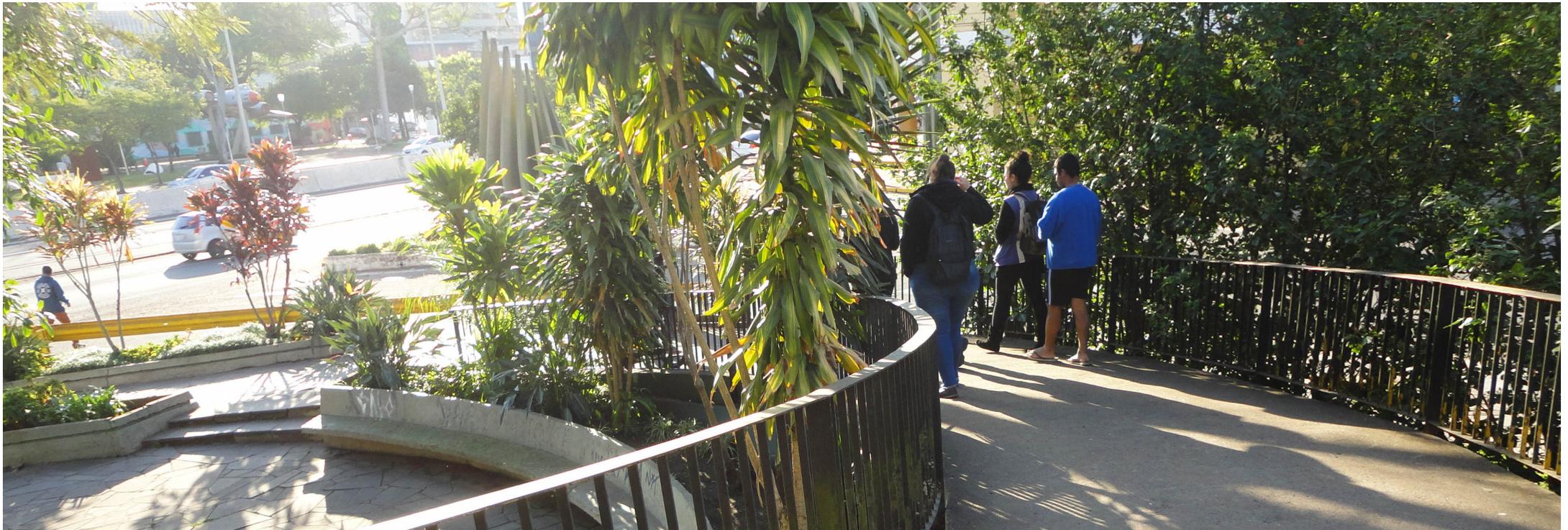


CORPOS, CUIDADO E RUA













ARQUEOLOGIAS DO USO

No meio em que o urbano se constitui, nesse espaço onde se percorre-transita, é possível encontrar locais que se adaptam à necessidade do habitar no seu sentido de proteção-abrigo. Estes espaços podem se configurar tanto a céu aberto, por vezes associados ao acúmulo de sobras produzidas pela cidade, como também em estruturas de casas e edifícios abandonados.

Terrenos baldios, utilizados como locais de descarte de resíduos e entulhos urbanos, assim como edificações não ocupadas, normalmente apresentam-se como locais ociosos, com pouco acesso da comunidade em geral. Tais espaços permanecem descartados, deixados de lado. Esses meios, circundados pela atmosfera da recusa, se caracterizam como ambientes que aceitam abrigar o interior do considerado não-ser.

Pessoas que vivem na rua passam a ocupar estes abrigos como meio de encontrar uma proteção do exterior, possibilitando que aconteçam diversas cenas e histórias que se constroem na relação com o espaço. Estes lugares se configuram como disponíveis para fazer uso de drogas resguardado dos transeuntes, guardas e câmeras de segurança.

Para além do juízo moral em relação ao uso de drogas, muito mais consequência do que a causa da condição de morador de rua, faz parte do trabalho dos profissionais de saúde estar próximo e se contagiar pelas cenas constituídas nestes ambientes. Quando se aceita estar suscetível e colocar o corpo na vivência de quem sente na pele a rua, vivenciar e se relacionar com estes locais é essencial. Significa sentir o duro concreto onde se dorme, cheirar o desconforto e o odor do que sobra, do que é abandonado em escombros pelo consumo social-urbano.

A arqueologia dessas cenas permite o reconhecimento do viver e habitar a rua. Não se limita a conhecer, ultrapassa o observar, expressa uma intervenção de interação que é realizada onde se dão as práticas desse espaço do fora. A maneira como esses ambientes são (des)organizados por quem os ocupa, permite perceber um modo de viver a partir de vestígios materiais, estar em contato com esses vestígios proporciona a aproximação da construção e do processo que é compreender a existência do viver na rua.



ARQUEOLOGIAS DO USO















O poema visual de Diogo Vaz é formado de imagens frutos do encontro. Um poema constituído por habitar-se nessa invisibilidade mesma da exclusão cidadina. E mais do que uma aproximação narrativa a essa forma de habitar, a composição apresentada propõe sobre a produção dessa invisibilidade, sobre as formas possíveis de construção de aproximação, cuidado e produção de vida.

Márcio Mariath Belloc

